

18-07-2024

INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS: UM LUGAR PARA O CORPO QUE ENVELHECE

Danniella Davidson Castro

[Psicanalista, Mestre em Psicologia Social e do Trabalho/UnB,
Multiplicadora de Visat e membro do Grupo Dona Alzira/UFG]

As concepções de velhice forjadas através dos séculos ora colocam o idoso em um lugar de idolatria e respeito por sua longevidade e experiência, onde os idosos eram associados a feiticeiros e bruxos, ora o colocam em um lugar de decrepitude e decadência (Kamkhagi, 2008). Em muitas tribos, o destino da comunidade era colocado nas mãos de um conselho de anciãos, mas também poderiam representar um fardo a ser carregado, se não houvesse o suficiente para o sustento daquela comunidade. Foi provavelmente a partir da invenção da escrita que o velho perdeu seu lugar essencial de sabedoria, de guardar o conhecimento sobre a vida, mitos e ritos, religião, a ética consigo, já que sua memória não é mais a única fonte confiável do saber e não era mais o único que podia transmitir as tradições, ensinamentos e costumes das tribos. No Egito, datado de 4.500 a.C, um escriba faz um relato de si mesmo, permeado pela angústia do envelhecer, conforme nos diz Tzezi citado por Minois (1999). Na história da medicina, Galeno foi o primeiro médico a ter uma obra sobre o processo do envelhecer. Para ele, havia a doença, que poderia ser incurável, mas a velhice era inevitável. Podemos pensar que a velhice traz transformações na aparência, nas capacidades cognitivas, sensorial, mudanças nos sistemas (circulatório, renal, nervoso central), na musculatura, cartilagem e ossos e na sexualidade. O envelhecer é um tema complexo que torna possível um diálogo entre o social e a subjetividade, com tendências e linhas de força que marcam uma posição epistemológica e política das diversas ciências. Em 1895, ao abordar a histeria, Freud trata da economia psíquica libidinal própria do envelhecimento, com a menopausa para as mulheres e o climatério nos homens, vinculada a uma não diminuição da libido para eles e um aumento da excitação para elas. Esse aumento de libido, que seria recusado como se não pudessem mais ter desejo com o envelhecer, geraria angústia. Um exemplo é o caso de viuvez ou abandono. Essas mudanças incluem a decadência e a ruína do corpo (1930) a que o homem está fadado, e é uma fonte de infelicidade. Na instituição de longa permanência para idosos (IPLI), o corpo do idoso está sob a tutela da instituição e é cuidado por uma equipe multidisciplinar. Muitos dos idosos têm um nível de demência, estão amarrados nas cadeiras nessas residências coletivas e convivem uns com os outros sem conviver. Um senhor se arrasta pelo chão devido a uma deficiência física para utilizar o banheiro. O referido sanitário é a antiga bacia turca, aquelas projetadas no piso, com dois pontos de apoio lateral e um buraco no centro.

Em outras instituições, os idosos estão lúcidos e têm seu próprio quarto, com seus pertences que trouxeram de casa. Pergunto sobre uma senhora que tem seu próprio quarto e a coordenadora diz que ela gosta de ficar sozinha e não gosta que ninguém mexa nas coisas dela. Ela veio trazida pela irmã e o juiz deu a curatela para a coordenadora da instituição: *Veio porque ficava sozinha em casa e estava sendo abusada pelos noitados da rua. Quando fomos buscá-la, apareceram uns dois no portão. Ela é meio doidinha, e você sabe né? Eles têm a libido muito alta. Já a irmã vem aqui com visita interesseira, queria vender uma casa que pertence a ela.* Uma senhora esquizofrênica que chegou há mais de dez anos com diagnóstico de psicose não especificada toma dois anticonvulsivantes, um antipsicótico, um medicamento para Parkinson sem ter o diagnóstico e nunca teve sua medicação questionada. Segundo a Enfermeira, *ela já chegou assim da outra psiquiatra*. Pergunto se ninguém nunca questionou as medicações. A enfermeira diz que não. Uma coordenadora diz que acha que o médico deixa os idosos muito sonolentos, prostrados: *Já tirei umas risperidonas por conta própria, eles melhoram muito*. Quando perguntamos aos profissionais de saúde e cuidadores sobre as famílias, a maioria das respostas que obtemos é que a família não quer saber, não visita, não acompanha ao médico. A coordenadora diz que não força as famílias a vir visitarem, porque *não existe nenhuma lei que obrigue filho a cuidar de pai*. Alguns sabem porque estão ali e outros não, mas perguntam: *que dia que a gente vai embora daqui? Cadê minhas malas? Quanto tempo eu vou ficar aqui?* Esse diálogo repete a construção em torno da velhice ao longo das décadas na cultura. Na sociedade contemporânea, podemos ver o corpo idoso excluído econômica e socialmente. Nessas instituições não é o lugar de tratamento de um corpo que está intoxicado, com um tempo determinado, mas um lugar em que a família deixou o idoso para ser cuidado, em uma perspectiva definitiva. *"Imagine-se agora um homem a quem são tirados, junto com seus entes queridos, na sua casa, seus costumes, suas vestes, tudo enfim, literalmente tudo o que possui: será um homem vazio, reduzido ao sofrimento e a carência, alheio à dignidade e ao discernimento; pois a quem tudo perdeu, facilmente ocorre perder a si mesmo"* (Primo Levi, 2000).

A seguir um dos lugares para o corpo morto.

■ ■ ■

Referências:

Freud S. *Projeto para uma psicologia científica* (v. I). In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1895, p.10-71. // Freud S. *O mal-estar na civilização* (v. XXI). In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1930, p.37- 91. // Freud S. *O Estranho* (v. XVII). In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1930, p.233-274. // Iannini G & Tavares PH. (2019) *Freud e o infamiliar*. In: Freud, S. *O Infamiliar / Das Unheimliche*. Belo Horizonte: Autêntica, p.5-22. // Levi P. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco. 2000. // Kamkhagi D. *Psicanálise e velhice: sobre a clínica do envelhecer*. São Paulo: Via Lettera. 2008.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.